

A ética profissional e o espírito do capitalismo: uma questão ambiental!*

Paula Brügger()*

Profa. do Depto de Biologia – UFSC.

(aluna do doutorado em Sociedade e meio ambiente CFH/UFSC)

Resumo

Devido a processos históricos (o privilegiamento da razão instrumental), a problemática ambiental continua bastante reduzida às suas dimensões naturais e técnicas. Em um momento de profunda transição de valores, como o que vivenciamos, é preciso mais do que nunca questionar sobretudo as relações dos homens entre si, já que o homem também é natureza. Neste artigo são feitas algumas considerações sobre ética profissional e “impactos ambientais”, entendendo o

Abstract

Due to historical processes (the hegemony of an instrumental rationality), environmental problems are still largely reduced to their technical and natural dimensions. At a time of changing values, such as the moment in which we are living at present, it is imperative, when considering the environmental issue, to question, above all, the relationships among human beings, since mankind is a part of nature. This paper considers some relationships between professional ethics

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v. 14	n. 19	p.45-53	1996
-----------------------------	---------------	-------	-------	---------	------

meio ambiente como um espaço-tempo construído socialmente. O objetivo é mostrar que o conceito de “impacto ambiental” deve transcender à perspectiva instrumental, como a dos tradicionais RIMAs. Essa discussão tem ainda como objetivo uma redefinição dos conceitos hegemônicos de meio ambiente, de desenvolvimento e de ser “bem-sucedido” em nossa sociedade e as consequências ambientais de traves-tirmos de “técnicas” escolhas, na verdade políticas, as quais em muitos casos, encontram-se inextricavelmente associadas aos processos de degradação da natureza.

Palavras-chave: racionalidade instrumental, ética, impacto ambiental.

and environmental impacts, regarding the “environment” as a socially constructed space-time. The aim is to show that the concept of “environmental impact” must go beyond the instrumental dimension that characterises traditional EIAs. This paper also seeks to give a new focus to the concepts of *environment*, *development* and *success (wealth)* in our society, showing some environmental consequences of so-called technical choices, which are in reality political, and which, in many cases, are inextricably bound up with processes that degrade nature.

Key words: instrumental rationality, ethics, environmental impact.

Responda rápido: que trajetória profissional comporta mais impacto ambiental ?

A de um empresário de marketing que ajuda a eleger políticos corruptos ou a de um garimpeiro que polui com mercúrio um curso d'água ?

A questão ambiental tornou-se um importante foco de atenção e de modismos, sem precedentes históricos, sobretudo a partir da década de 1980. Essa década, marcada por manchetes apocalípticas nos jornais e noticiários de todo o mundo, chamou a atenção da opinião pública mundial sobre o desastroso

gerenciamento que a sociedade industrial vem fazendo dos recursos naturais¹. Essas intervenções antrópicas específicas, por terem se refletido sobremaneira em problemas como extinção de espécies, mudanças climáticas, poluição e exaustão de recursos úteis ao homem, contribuíram para que a questão ambiental se tornasse, no seio do pensamento hegemônico, uma questão eminentemente natural ou técnica.

Dessa forma, em termos de representação social dominante, *meio ambiente* tem sido sinônimo, ou quase, de *natureza*. Alguns autores têm exaustivamente criticado essa tendência reducionista em artigos, eventos científicos e diversos “foros” de debate acerca da questão ambiental, sobretudo nos últimos três ou quatro anos.

Gonçalves (1990:189), tem uma bela passagem que sintetiza muito bem a crítica dessa visão instrumental de meio ambiente:

Um conceito chave para o debate em torno da questão ambiental é o de MEIO-AMBIENTE que, a rigor, não pode ser tratado nos parâmetros da tradição científica e filosófica que herdamos. A dicotomia cartesiana entre homem e natureza ainda continua a impregnar o conceito de meio-ambiente com a sua redução à dimensão naturalista, isto é, a fauna, flora, terra, ar e água ou simplesmente quando confundimos a problemática ambiental com poluição (grifos da autora).

Embora a expressão “meio ambiente” venha, ainda, sendo confundida com natureza, a questão ambiental diz respeito ao modo como uma sociedade se relaciona com a natureza e isso inclui obviamente as diferentes formas de produção, ou seja, de trabalho humano.

Por outro lado, se confundir o “ambiental” com o natural é um grande reducionismo, dizer que o “meio ambiente” ou o “ambiental” abrange tudo não resolve. Na realidade, quando se absolutiza alguma coisa, freqüentemente se esvazia o seu con-

¹ A palavra “recurso” encerra em si uma abordagem utilitarista da natureza, reflexo de uma visão de mundo tecnicista.

teúdo. O adjetivo “ambiental” deve ser, antes de mais nada, uma outra forma de ver o mundo. As sociedades industriais nas quais vivemos são extremamente “não-ambientais”² e por isso mesmo encontramos sérias dificuldades em pensar em uma sociedade que esteja em harmonia com o meio ambiente. Muito têm-se falado sobre o caráter inter ou transdisciplinar das questões ambientais mas a inter ou a transdisciplinaridade não são suficientes para dar conta da questão ambiental. Para superarmos a atual crise ambiental planetária, que é também uma crise de modo de produção e consumo, os paradigmas filosóficos (leia-se aqui no sentido mais amplo) sobre os quais se assenta a nossa sociedade “não-ambiental” deverão ser revistos, caso contrário, nada se modificará.

Dessa forma, os chamados problemas “ambientais” estão intrinsecamente associados a um determinado estilo de vida que, por sua vez, está ligado também a uma visão de mundo.

Talvez, um ponto de partida interessante seja exatamente discutir sobre o que é “não-ambiental”, em vez do contrário, já que o “não-ambiental” faz parte de quase tudo o que conhecemos e vivenciamos.

Se nos detivermos, por exemplo, nos conteúdos dos RIMAs (Relatórios de Impacto sobre o Meio Ambiente), poderemos constatar que, ao analisar os possíveis impactos decorrentes de uma grande obra de engenharia, têm-se enfatizado mais os impactos causados sobre os recursos naturais do que os aspectos sociais envolvidos na questão. Ainda que em muitos casos sejam também considerados os impactos sociais decorrentes de tais obras, existem outros impactos ambientais, não ligados a grandes obras, sobre os quais gostaria de discorrer agora.

Parodiando o sociólogo alemão Max Weber³, poderíamos nos referir à “Ética Profissional e o Espírito do Capitalismo”,

² Um exemplo disso é a questão educacional que dentro do binômio sociedade-educação representa um processo interativo como outros. Ao colocarmos hoje a necessidade de uma “educação ambiental” pressupomos a existência de uma educação que não é ambiental ou seja a educação tradicional.

³ Referência a WEBER, 1981.

através da qual é possível “medir” o impacto ambiental de certas atuações profissionais. Essa questão encontra-se intimamente relacionada com a filosofia cartesiana e uma determinada ordem econômica; com o individualismo e com a oposição sociedade-natureza, traços marcantes de nossas sociedades industriais.

Mas para adentrarmos a polêmica reflexão acerca dos impactos ambientais *lato sensu*, ou seja, daqueles que abrangem um universo maior do que o das obras de engenharia, é preciso que nos remetamos a uma outra, também polêmica, que é a do conceito de “bem sucedido”, em nossa sociedade.

Ser “bem-sucedido” é, antes de mais nada, ser forte ou superior em algum sentido. É impossível não lembrar aqui da clássica e por que não dizer tautológica expressão “o mais forte vence” (na natureza e na sociedade, ou seja, a própria “lei da selva”, seja ela de pedra ou de árvores). O mais forte ou superior é também o que domina. Há contudo várias maneiras de ser forte e de dominar e o próprio conceito de força é muitas vezes algo extremamente subjetivo. Pode-se referir à força como virtude física ou como virtude moral e, ainda assim, restam muitas dúvidas acerca do que seja forte para uns e forte para outros. Mas o fato é que, quando nos referimos a alguém “bem-sucedido”, nosso parâmetro é quase sempre estritamente material: é demonstração de força de poder aquisitivo e de um determinado *status* sócio-econômico, consoante com a ordem econômica liberal e com o padrão de civilização e progresso do hemisfério norte.

É precisamente aqui que entra a “Ética Profissional e o Espírito do Capitalismo”, uma reflexão sobre as formas de ganhar dinheiro ou prestígio (ser “bem-sucedido”) de maneira mais fácil do que se a ética fosse mantida em cada setor profissional. Essa questão se resume na lamentável constatação de que, infelizmente, uma grande parte das pessoas “bem-sucedidas” em nossa sociedade não o são por força de seus talentos mas por uma outra dimensão da idéia de força. Essa dimensão é a falta

de ética, de forma deliberada ou “involuntária”, em suas vidas profissionais.

A falta de ética não se restringe a cada indivíduo mas faz parte de uma lógica que abrange toda a sociedade. Uma consequência disso é que, de modo geral, as profissões mais mal remuneradas são muito frequentemente aquelas potencialmente mais importantes do ponto de vista social. E o inverso é muitas vezes verdadeiro. Parece uma incoerência mas não é. O sistema coerentemente paga melhor a quem ajuda a sua perpetuação. Isso é lógico e ao mesmo tempo ideológico. É preciso deixar claro, entretanto, que não se quer dizer com isso que “pobre” seja sinônimo de honesto pois essa seria uma argumentação extremamente maniqueísta, além de falsa. O principal mérito dessa breve discussão reside no fato de estarmos vivenciando um período histórico de grande transição de valores éticos e para apreendermos realmente o alcance de nossos atos com relação ao “meio ambiente” é preciso questionar muitos aspectos de nossas vidas cotidianas.

Embora reconheça que a linha que separa um comportamento ético de um não ético possa ser em determinados casos extremamente delicada, é preciso reconhecer que a questão profissional é eminentemente “ambiental” e a possível falta de ética guarda uma estreita relação com a técnica. Essa é precisamente a dimensão “involuntária” da ausência de ética mencionada antes. Isso acontece porque a técnica e a ciência têm substituído questões políticas e éticas: o mais eficiente é sempre o melhor⁴... Com isso, temos assistido, perplexos, à aceitação de diversas

⁴ A nossa sociedade ao desenvolver com a técnica uma relação jamais colocada em toda a história, tornou hegemônica a visão de mundo que toma o avanço tecnológico como importantíssimo parâmetro de progresso e desenvolvimento não apenas de nações, como também de seres humanos. O Iluminismo ao acentuar o privilegiamento da leitura da razão instrumental em detrimento da emancipatória (o rompimento entre *Logos* e *Eros*), fez com que a ética se deslocasse para um segundo plano e a natureza, passou a ser tratada, mais do que nunca, de forma “objetiva”. O trabalho humano acompanhando essa tendência passou a ser eminentemente “objetivo e técnico”.

trajetórias profissionais cujo impacto ambiental é tremendo, muito maior do que uma “Balbina”.⁵

Se a nossa sociedade industrial e não-ambiental se caracteriza por uma desigualdade social provavelmente inédita em toda a história⁶, partiremos do princípio que uma sociedade ambiental se define, em grande parte, pelo bem-estar da maioria da população. conseqüentemente as atuações, individuais ou não, que militam contra esse bem-estar coletivo são anti-ambientais. Quer queiramos admitir ou não, estamos o tempo todo fazendo escolhas e estipulando prioridades. Vejamos agora alguns exemplos de trajetórias profissionais que desconhecem esse bem-estar coletivo em função das prioridades que seus atores lhes atribuíram.

Hoje é possível a uma mulher que ultrapassou a idade reprodutiva (algumas inclusive já são avós) engravidar novamente, em um mundo com milhares de crianças abandonadas: o “avanço” da ciência torna esse sonho real. Aperfeiçoam-se dietas alimentares para emagrecimento, quando a maioria não tem o que comer; um “marketólogo” se permite trabalhar na campanha presidencial de um candidato cuja ideologia política é oposta à sua; programas espaciais nos informam sobre longínquos planetas, quando a maioria não tem onde morar. Os exemplos se multiplicam *ad infinitum*... E a explicação “racional” para todas essas escolhas é sempre de ordem técnica ou científica: a ciência não pode se deter diante das contradições sociais ou

⁵ Referência à Usina Hidrelétrica de Balbina, cuja incompetência técnica, para não citar outras, tornou essa obra um dos maiores exemplos de destruição ambiental dos últimos anos. Veja, entre outros, ANTUNES, 1989.

⁶ Em MARX, 1988, temos diversos exemplos de como o modo de produção industrial só contribuiu para aumentar as desigualdades sociais já presentes na estrutura feudal. SAHLINS, 1978 nos remete a um tempo ainda anterior. Especificamente a respeito da fome, ele faz a seguinte observação (p.41): “Acima de tudo, que dizer do mundo atual? Diz-se que a metade da humanidade vai dormir com fome todas as noites. Durante a velha Idade da Pedra, essa fração deveria ser muito menor. Esta é, sem precedentes, a era da fome. Hoje, numa época de imenso poder tecnológico, a inanição é instituição”.

“estamos apenas prestando um serviço técnico que nada tem de político”⁷ (sic!)...

Precisamos denunciar essa pseudoneutralidade nas escolhas que envolvem diferentes opções profissionais e ver a crise ambiental como unificadora de uma crise paradigmática onde impera a necessidade de uma revisão epistemológica do binômio ética-técnica. Um marketólogo ou um jornalista, por exemplo, têm que se dar conta do alcance (que muitas vezes é realmente um impacto ambiental!) de seus trabalhos “estritamente técnicos”⁸.

Se ajudamos a eleger um político, mesmo sabendo que ele é corrupto, não faz sentido lamentar a existência de um número cada vez maior de crianças de rua. Se persistirmos em travestir de “técnica” uma escolha essencialmente política não teremos condições morais de criticar um garimpeiro que polui com mercúrio um curso d’água. Não é mais possível, se queremos construir uma sociedade mais justa, aceitar passivamente certas atitudes profissionais.

Essa rediscussão envolve outros aspectos dessa mesma ideologia onde determinadas atitudes, profissionais ou não, precisam urgentemente receber novos adjetivos. Assim como frequentemente confundimos o ser “bem-sucedido” com falta de ética, confundimos afluência com desperdício, coragem com irresponsabilidade, coerência e lealdade com fraqueza, força com ausência de sensibilidade e bravura com rebeldia sem causas.

⁷ Aliás ser apenas tecnicamente bom é tanto insuficiente quanto impossível. Um exemplo dramático é o das grandes redes de televisão que, através da propaganda, induzem ao consumismo desenfreado (uma questão ambiental não explícita).

⁸ Como exemplo de “impacto ambiental” de uma empresa de propaganda, vejamos alguns comentários sobre a *Burson-Marsteller* da Revista *GREENPEACE* América Latina, p.7, n.1, v.1, maio de 1992: “Depois do desastre de Bhopal, na Índia, em que morreram mais de 4 mil pessoas, a B-M assessorou a *Union Carbide*, empresa responsável pelo acidente. No plano político, a B-M promoveu a Romênia do ditador Nicolau Ceausescu como um bom país para a realização de negócios. Através da B-M, o BCSD (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável), vem destinando enormes recursos, não para impulsionar uma verdadeira mudança em favor do meio ambiente, mas para criar uma ‘imagem ecológica’ das empresas transnacionais”.

O esvaziamento do conteúdo político de tais questões é uma estratégia para legitimar a hegemonia do pensamento tecnocrático em nossa sociedade e de perpetuar seu caráter “não-ambiental”.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Renan. Amazônia verde-oliva. *Isto-é-Senhor* (1020): 48-52, abr. 1989.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Extensão universitária e o meio ambiente: a difícil relação entre o saber e o fazer. In: *Textos Básicos do “IV Seminário Nacional Sobre Universidade e Meio Ambiente”*, Florianópolis : Ed. da UFSC, 187-204, 1990.
- MARX, Karl. A chamada acumulação primitiva. *O Capital*. 12ª ed. Trad. Reginaldo Sant’ Ana. Rio de Janeiro : Bertrand, 828-881, 1988.
- SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. *Antropologia econômica*. Trad. Betty M. Lafer. Edgard A. Carvalho (org). São Paulo : Livraria Ed. Ciências Humanas, 07-44, 1978.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. M. Irene Szmrecsanyi, Tomas Szmrecsanyi. São Paulo : Pioneira; Brasília : Ed. UnB, 1981.